

Inezita Barroso

Cantora e apresentadora de TV

“Brasileiro tem muito disso, de ficar na janela olhando a terra dos outros, enquanto pega fogo na terra dele.”

Entrevista realizada por Aloisio Milani e Georgia Nicolau no dia 29 de junho de 2010, em São Paulo.

Inezita Barroso

É absolutamente compreensível visualizá-la como a personificação do programa caipira *Viola, Minha Viola*. Afinal, já são 30 anos à frente da atração musical mais duradoura da televisão. Inezita começou na extinta Tupi e hoje está TV Cultura de São Paulo. Mas reduzir Inezita Barroso ao *Viola* é desconhecer uma trajetória de atuações ecléticas na cena cultural. Além do trabalho ligado à música, Inezita também trabalhou no rádio, foi atriz de cinema e personagem importante nos primeiros anos da televisão no país.

A paixão pela música precisou ser escondida na infância porque a família cultivava a ideia de que era feio ser artista. Nas férias no campo, ela inventava que ia ver “a vaca nova que chegou”, quando na verdade corria para se meter na roda de viola entoada pelos matutos. Em uma viagem a Pernambuco, já adulta, foi estimulada pelo então governador Agamenon Magalhães a fazer um recital no principal teatro da cidade. Só então começou a cantar profissionalmente. “Já estava casada e ninguém chiou mais.”

Essa paulista de voz contralto, nascida em um domingo de carnaval, trabalhou com grandes nomes dos tempos das grandes orquestras: Guerra Peixe, Hervé Cordovil e Radamés Gnatali. Em seu primeiro disco, gravou despretenhosamente duas marcas de sua carreira: o samba popular *Ronda*, do amigo Paulo Vanzolini, e a folclórica *Moda da Pinga*. Após quase 60 anos de carreira, optou por ficar longe das badalações e de modismos. “Vocês ainda vão ver a viola no alto do Cruzeiro do Sul, estou prometendo.”

Fale um pouco sobre o seu começo de carreira e de seu percurso como artista?

Nasci no bairro da Barra Funda, em São Paulo. Era um domingo de carnaval. Passava na porta da minha casa o cordão Camisa Verde. Naquele tempo a gente nascia em casa. Mais tarde, aquele cordão virou a Escola de Samba Camisa Verde e Branco. Tenho a honra de ter esse como o primeiro som no ouvido musical. Dizem que eu não chorei, devo ter gostado, nasci quietinha. De lá para cá, essa paixão pela música veio aumentando. Aprendi todos os instrumentos na medida do possível, toquei muito piano, gaita paraguaia, viola e violão. A viola ganhou um papel de destaque na minha vida porque meus tios eram fazendeiros em vários locais de São Paulo e, nas férias, como eram muitos primos, a gente fazia um grupo e ia para a fazenda de um dos tios. Eu fiquei conhecendo todos os estilos das diversas regiões caipiras de São Paulo, que são bem diferentes entre si. A música e os costumes de Campinas, por exemplo, são muito diferentes de Presidente Prudente e de outros locais. Comecei a me interessar muito por isso, de tal forma que era um drama na hora da voltar das férias; a gente se es-

condia, perdia o trem, um inferno – tudo para não voltar logo para São Paulo. Criei esse amor pelas coisas do campo, pelo rural. Nasci em 1925 e não havia por aqui esse entusiasmo pelo interior. Era considerada uma coisa esquecida, longe, da qual só lembravam na hora de comer, tomar café. Mas a gente amava aquela vida, todo mundo assim meio criança, meio malandrão, levado. A fazenda era um mundo diferente de São Paulo: os cavalos, os animais em geral. Muitos dos meus primos moravam na fazenda e só vinham para São Paulo na hora de estudar. E vinham esperneando, chorando, mas tinham que vir, cada um tinha que ter sua profissão – todos estudaram.

A minha paixão pela música surgiu dentro da família. Eu tinha uma avó paterna que tinha uma voz linda e maravilhosa, tocava muito bem piano. Aliás, os parentes que sobraram ficaram muito espantados com a semelhança da minha voz com a dela. Ela era contralto também. Aliás, há uma história engraçada que eu vou contar: o meu avô paterno era de Belém do Pará e muito culto, jornalista, professor de grego e de latim, veio para São Paulo dar aula na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e depois voltou para lá. Morreu cedo e amava minha avó, que era muito bonita. A história é que houve uma festa beneficente em Belém. Minha avó falou: “Ah, preciso cantar porque é em benefício do asilo, quero ajudar”. Aí o meu avô, muito ciumento, falou: “Está bem, como é beneficente, eu deixo”. Ela fez uma roupa linda, estudou trechos de ópera no piano, cantou, ensaiou. Ela mesma fez o vestido, o chapéu com umas plumas, aquelas coisas lindas do Norte do Brasil. Na hora da festa, ele falou: “Você está muito bonita e eu não quero que você cante”. Foi um drama, uma choradeira: “Como que eu não vou? Como eu vou desapontar a plateia?” Ele não arredou o pé. Ela fechou o piano, foi para praia com aquele vestido arrastando na areia, entrou no mar, jogou a chave do piano, voltou e falou: “Até eu morrer você nunca mais vai me ouvir tocar nem cantar”. Foi a vingança dela. Uma história de música da família muito forte e eu adorava ouvir.

É uma história de conservadorismo, de machismo. Você viveu isso na sua família aqui em São Paulo ou com o seu marido? Não sei se muita gente sabe, mas você foi casada e se separou. Sofreu preconceito por ser artista?

O preconceito existia. Meu pai dizia: “Você cantar em festa de aniversário, em quermesse na igreja, tudo bem. Mas você nunca vai subir em um palco para cantar como profissional”. Tinha aquela mágoa porque eu queria, o rádio estava na moda, com os grandes cantores, e eu tinha vontade de fazer. Quando eu era criança fiz programa infantil, curti muito, mas daí você vai crescendo e a família: “Agora você está mocinha, é feio ser artista”.

A sua família é tradicional aqui em São Paulo. Eram de cafeicultores, não é?

É. Eles tinham estas manias: “Artista na família, não”. Todos aprenderam música, fizeram o que quiseram em arte, pintura e música, mas ninguém podia ser profissional. Hoje em dia a gente acha uma coisa boba, mas naquele tempo era sério. Lembro de outra cena quando eu era pequena, eu tinha uns seis anos. Meu avô, com 18 filhos, tinha uma casa enorme na Rua Conselheiro Brotero. Era a casa que acabava no quarteirão da Rua Tupi e era muito gostoso ir lá brincar no jardim, no pomar. As janelas da sala davam para o jardim, porque a sala de visitas era o lugar sagrado de receber as personalidades. Ficava sempre trancada, era o lugar onde se guardava o gramofone de corda. Uma das minhas tias – e que era minha madrinha – gostava muito de música. Ela tinha aulas à tarde de violão e eu achava aquilo uma beleza. Meu avô obrigava cada filho a estudar um instrumento – até harpa, bandolim e uns instrumentos estranhos eles estudaram. O violão era meio perseguido porque era instrumento de vagabundo. Quando eu sabia que minha tia ia ter aula de violão, eu ficava acesa, mas eles não me deixavam entrar pela porta da sala. Eu pulava a janela, me escondia atrás do sofá e assistia à aula. Ela não era muito aplicada e, quando acabava, eu ficava babando com aquele violão lindo. Aí o professor dizia: “Estude, senhora, que eu venho na próxima semana”. E ela: “Vou estudar, sim”. Saía o professor, ela pegava o violão, punha em cima do sofazinho, saía da sala de visitas, apagava a luz e não estudava nada; trancava a porta e ia embora, mas a janela ficava aberta. Eu pegava o violão e tocava tudo o que ela tinha aprendido. Um dia, fui voltar para o jardim e a janela estava fechada, a porta também, aí eu comecei a gritar e me pegaram com o violão. Nossa, foi um drama! “Meu Deus, como que essa menina fez isso? E está tocando!”. Aí comecei a ter gosto pelo violão. Foi assim.

Como era a música dos caipiras na fazenda dos seus tios?

Eu fugia com meus primos para irmos ver os caipiras, os colonos tocarem. Inventava: “Vou com o Geraldo ver a vaca nova que chegou, dizem que é linda; vou lá e já volto”. “Já volto” nada, eu ia para a roda de viola. Mas os colonos nunca me deixaram tocar porque eu era mulher. Tinha bastante preconceito. De tanto olhar, eu já sabia tocar aquilo, mas eles não deixavam, até que o Geraldo, meu primo, me lembro bem, amoleceu: “Ah, deixem a menina tocar, o que custa? Ninguém vai saber que ela tocou”. Botaram a viola na minha mão e eu toquei inteiro o *Boi Amarelinho* [moda de viola paulista de domínio público].

Como que era o *Boi Amarelinho*?

“Eu sou aquele boizinho que nasceu no mês de maio / desde que pisei no mundo foi só para sofrer trabalho”. E daí fala de vida, de paixão e da morte do boi. A caipirada chora até hoje quando você canta, porque o boi acaba no matadouro. É comprida a moda, eu ainda não cantei no *Viola, Minha Viola* porque é muito longa e eu não quero cortar versos, quebra um pouco o sentido. Essa foi a primeira coisa que eu li. Eu pegava o papelzinho, escrevia a letra e tocava inteira com viola. Nessa época, não lembro quem chegou em Piracicaba para visitar a fazenda e falou: “Mas ela toca. Já pode tocar no coreto de Piracicaba”. Foi a maior glória, aplaudiram; aí pegou, toda hora eu ia lá para tocar viola caipira.

Já mais adulta, você se casou e fez faculdade. Como é que foi parar na primeira turma de biblioteconomia da USP?

Gostava muito de ler os livros brasileiros, as histórias brasileiras, e era difícil você sair para comprar um livro daqueles. Mário de Andrade devia ter umas 500 edições... eu aproveitava a hora de estágio que eu tinha que classificar os livros, chegava uma hora antes e lia tudo. Mário de Andrade, Jorge Amado. *Macunaíma* li umas 20 vezes. Eu amava aquilo, todos os autores. Brasileiros e brasileiras. E daí eu fazia fichinha catalográfica, batia à máquina, punha no lugar e ia embora.

O que te despertava tanta paixão por Mário de Andrade? Ele foi um grande folclorista também, um grande crítico...

A minha vida é cheia de historinhas e coincidências. Eu morei pouquíssimo tempo no lugar onde nasci, na Rua Lopes de Oliveira, na Barra Funda. A gente mudou para Perdizes, o meu irmão nasceu lá, mas uma tia nossa ficou morando lá. E o Mário de Andrade morava perto desta minha tia, na Rua Lopes Chaves. Antes de fazer o curso de biblioteconomia, eu já admirava esse homem: “Meu Deus, como ele fala, como ele é maravilhoso”. Minha tia, que morava três casas depois da dele e tinha uma filha da minha idade, falava maravilhas. Ela fez o conservatório musical na São João, foi aluna dele, punha o Mário no céu: “A aula dele é uma coisa, fica cheio de gente do lado de fora pendurada na janela, porque ninguém resiste, ele é fantástico”. Era época dos patins, minha prima e eu íamos patinar na porta dele, porque a gente sabia que ele chegava às 5h. Eu tinha uns nove anos. Ele chegava na esquina, altão, grandão, moreno. Eu perdia a fala. Sabe quando você admira uma pessoa, quer falar e não sai nada? A boba aqui ia patinar só lá, mas ele devia me achar uma chata, “uma menina fazendo barulho na porta da minha casa”.

Mas nunca o conheceu?

Não, conhecer e conversar, nunca. Eu queria dar a mão e dizer “boa tarde”, mas sabe como é, para uma criança de nove anos, ele era muito grande para mim, eu não tinha essa audácia. Mais tarde, depois que me casei, o meu cunhado, Maurício Barroso, que era ator do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), falou: “Vou realizar o seu sonho, vou te apresentar o Mário de Andrade. Já falei para ele e ele vai conversar um dia com você”. Eu nem dormi aquela noite. No dia marcado, porém, ele ficou doente. E dessa doença ele morreu. Foi uma frustração para mim porque eu não cheguei nem a olhar para ele e dizer: “Eu admiro o senhor”. Tem umas coisas engraçadas na minha vida.

E a sua ligação com o Nordeste? Você começou a carreira em Recife, certo?

Vocês tinham perguntado sobre o meu marido, é verdade. Ele era cearense e a família inteira musical. E eu era muito amiga do Durval Rosa Borges, pernambucano, que amava o teatro, participou do Teatro de Amadores de Pernambuco e fez muito sucesso em São Paulo. Quando estive no Ceará, os parentes do meu marido me pediam para tocar para eles. Eu ficava meio ressabiada, porque aproveitei a viagem para conhecer o folclore de lá e recolher temas, eu não conhecia o Ceará. Mas, lá, toquei e cantei muito para a família e para os amigos. Aí o Durval falou: “Agora vocês vão conhecer a minha terra”. E fomos para Pernambuco. Lá, o Teatro de Amadores funcionava no Teatro Santa Isabel, aquele que pegou fogo e depois foi restaurado. É um teatro lindo. Um certo dia, o governador Agamenon Magalhães falou comigo: “Eu sei que a senhora é uma grande cantora”. Mas eu disse: “Não sou profissional, não vim aqui para me apresentar, estou recolhendo temas folclóricos, nem trouxe o violão nem nada”. E ele: “A gente dá um jeito, eu quero que você faça um recital no Santa Isabel”. Eu quase caí desmaiada. Já pensou? O maior teatro de Pernambuco, meu Deus! Eu emprestei o violão, mandei fazer um vestido, porque só tinha levado calça comprida e dei um recital. Foi uma coisa de louco. No repertório, muita coisa de São Paulo e do Rio Grande do Sul, coisas que eles não conheciam, mas também cantei um maracatu e *Pregão da Ostra* [tema tradicional com arranjos de J. Prates]. Dei três recitais porque lotou, não cabia o povo.

Em Recife foi que você virou profissional?

Foi. A primeira vez que ganhei dinheiro foi pelas mãos do Capiba, que me levou para a Rádio Clube, onde fiz uma temporadazinha. Depois comecei a visitar as cidades do interior nas rádios. Era uma seriedade. As técnicas das rádios eram mulheres, e muito competentes. Fui a Caruaru, depois a

Campina Grande, fiquei maravilhada. E o material que eu trouxe foi coisa de primeira. Depois eu fiz outras viagens de pesquisa folclórica, mas nessa primeira eu fiquei louca. Foi a primeira vez que o Capiba falou: “Você não vai cantar de graça na Rádio Clube, eu vou pagar”. E eu: “Não precisa, eu não sou profissional”. Mas ele dizia que isso iria ajudar para pesquisar, para viajar. Foi quando voltei para São Paulo, assim toda importante. Eu já estava casada e ninguém chiou mais por eu ser artista. Tinha um diretor, o Demerval Costa Lima, um baiano super competente que me convidou para cantar na Rádio Nacional, em São Paulo. Mergulhei no profissionalismo. Fiquei algum tempo lá, porque eu fui fazer cinema e televisão. Fiz também um programa na TV Tupi, não como contratada, a pedido de Túlio de Lemos, outro diretor maravilhoso. Um programa sobre Noel Rosa, no qual eu representava e cantava, tinha um diálogo para decorar, foi muito bonito.

Qual a sua história com Noel Rosa?

Tem muita história. O meu marido formou-se no Largo São Francisco, era colega do Paulo Autran e tantos outros maravilhosos que frequentavam a faculdade no mesmo período. Um dia, não sei o porquê, o Maurício, meu cunhado lá do TBC, falou: “Vou trazer aqui o Ziembinski e a Cacilda Becker, você não quer cantar alguma coisa para eles?”. Ele sugeriu que eu convidasse os amigos da faculdade. Aí foram Vicente Leporace, Paulo Autran, Renato Consorte e Paulo Vanzolini, que estudava medicina, mas andava com a gente. Nessa época, eu dei muitos recitais no TBC. Tínhamos também um amigo do Rio que era jornalista e comunista, o Oswaldo, ele andava metido em política, sempre escondido, mas como tocava, tinha uma voz louca! Ele vinha todo sábado para as nossas reuniões. A gente começava às 11h, tocava o dia inteiro e parava lá pelas 21h30. Todo mundo ia embora e, no outro sábado, tinha outra reunião. Aí o Oswaldo falou: “Vou te dar um livrinho com as letras do Noel Rosa”. Foi mais ou menos o mesmo período em que fiz o programa na Tupi. Noel Rosa tinha letras maravilhosas. Meu cunhado era amigo da Aracy de Almeida, que tinha ouvido eu cantar Noel na Tupi e deu uma entrevista para o jornal me criticando: “Essa grã-fininha metida”. Me ofenderam muito porque imaginavam que o primeiro disco seria Noel Rosa. Mas eu cantava bastante em festas, na faculdade, nas caravanas artísticas do Centro Acadêmico XI de Agosto pelo interior, foi muito bem aceito. Cada um gostava de um gênero de música, mas cantávamos tudo, não tinha essa coisa de “eu só canto isso”. A gente ampliou o horizonte, cantou tudo, valsas que o Silvio Caldas cantava... ele, inclusive, foi várias vezes lá em casa, fizemos muita serenata no Sumaré.

Como foi a história do seu primeiro disco? *Moda da Pinga e Ronda* juntas?

Um amigo meu pianista, o Túlio Tavares, do Rio Grande do Norte, que também estudou na faculdade de direito, sentava lá no meu piano e mandava ver. Era a nossa rotina nas reuniões musicais. Aliás, foi em uma dessas vezes que o Paulo Vanzolini chegou dizendo que tinha feito uma música. E cantarolou. Desafinou, na verdade (*risos*). Era *Ronda*. O Túlio falou: “Isso é bonito, vou por na partitura”, e deu para eu cantar. Esse clássico nasceu assim. Aí alguém me convidou para cantar no Rio *Moda da Pinga*, porque achou muito engraçado. Disco, para mim, eram só aqueles de acetato, horríveis. Quando a gente queria aprender uma música para o bando inteiro tocar, a gente gravava nesse disquinho que era em um lado só. Rodava depressa para aprender e logo estava estragado, porque riscava, não tinha qualidade. E fui para o estúdio no Rio gravar *Moda da Pinga*, e o Paulo Vanzolini também estava lá. Gravei, o diretor musical gostou. Gravei até com o regional formado por Menezes, Garoto, Bola Sete, só os cobras, não foi nem com viola. Eles amaram. Aí o diretor musical queria fazer o outro lado do disco também. E eu estava acostumada a disco de um lado só (*risos*). O Paulo sugeriu que eu gravasse a música dele, *Ronda*. Eu não tinha nem a letra inteira. Ele escreveu no Joelho. Falei para o diretor musical que o que eu ia gravar era aquele samba paulista. Ele respondeu: “Está louca? Desde quando São Paulo tem samba? Não vai gravar isso, não”. O Paulo ficou no chão, aí ficou feio, o regional todo amansando o cara, que ficou bravo, botou o chapéu na cabeça e foi embora. Mas os músicos me apoiaram. E o meu primeiro disco, portanto, foi uma moda caipira de um lado e *Ronda* do outro. Amei ter gravado porque fez muito sucesso. O regional previu: “*Ronda* vai ser eterna, não vai sumir”. Depois muita gente gravou, o Cauby Peixoto, a Maria Bethânia. É muito bonita, bem própria de São Paulo.

Você convivia com artistas, o seu cunhado era do TBC e lá conheceu o Alberto Cavalcanti. Como era o cinema, quantos filmes fez?

Sete filmes. O sonho do Cavalcanti era fazer um filme comigo. Ele adorava quando eu tocava violão, a gente fazia umas noitadas lá em São Bernardo nos estúdios da Vera Cruz. Lá, sempre havia gente de fora: os ingleses, os alemães, todo aquele pessoal que era contratado na Europa para o cinema. Havia sempre um show meu com o violão. Tinha o cachorro Duque, que era do Jordano Martineli, que o Mazzaropi sempre usava nos filmes dele. O Duque fazia as gracinhas, rolava no chão, fingia de morto, os estrangeiros amavam, aplaudiam, ficavam lá até 1h da manhã, nunca acabava o jantar. E a Ruth de Souza, que eu amo de paixão, muito minha amiga, dizia: “Esse cachorro é um chato”.

E eu falava: “Deixa o cachorro fazer o show dele”. E ela falava: “Não gosto dele porque ele ganha muito mais do que nós”. Era só gargalhada e os estrangeiros não entendiam o que a gente estava fazendo e riam junto.

O seu primeiro filme foi com a Ruth de Souza?

Foi, *Ângela*, uma farra. O argumento era da mulher do Alberto Cavalcanti, e fez sucesso, correu o Brasil quatrocentas vezes. O Abílio Pereira de Almeida era o jogador, o Alberto era o galã, eu era uma mulher meio duvidosa e a Ruth era minha empregada. Havia cenas muito engraçadas. Já em *Mulher de Verdade*, também do Cavalcanti, eu ganhei o Prêmio Saci de melhor atriz.

Que ano que foi isso?

Foi 1955, eu acho. Primeiro eu ia fazer *O Cangaceiro*, mas aí eu vi o argumento e não gostei. Foi um filme bem rodado e aceito na Europa antes de *O Pagador de Promessas*. Não quis, tinha que ir para o interior filmar, perder um tempão... depois o Cavalcanti teve um desentendimento com a Vera Cruz e fundou a companhia dele, que era a Kino Filmes. No *Mulher de Verdade*, eu era uma bigama e tinha duas vidas, morava no subúrbio com um e com um grã-fino riquíssimo. Foi muito engraçado esse filme, tinha um argumento muito bom, Ziembinski trabalhou, muita gente boa trabalhou. No fim dá um quiproquó e acontece um incêndio. O bombeiro que me salva era o meu marido e eu estava na casa do outro. Mas ele não me reconhece por causa da fumaça. E eu, apavorada, no ombro dele. Ele nem viu que era a mulher dele e no fim eu pulo em uma rede – mas era um dublê. Foi fantástico. Foi muito bem feito. Com esse filme, ganhei o Saci de Cinema.

Esse período seu no cinema coincide com o começo da televisão. Se não me engano, você teve o primeiro programa de música com anunciante exclusivo. Cada cantor de sucesso tinha um programa de música. Como era o seu?

Foi na Record, que ia inaugurar a televisão. Eu estava na Rádio Nacional, completando um ano de contrato com Demerval Costa Lima, daí fiquei assanhada, queria fazer televisão. Apareceu o Eduardo Moreira, advogado amigo nosso, medido com arte, e sugeriu que eu pagasse a multa na rádio e fosse para a Record. Assim foi feito. Foi uma beleza, o programa era produzido e dirigido pelo Eduardo Moreira com muito gosto. Tinham cinco músicas com grandes patrocinadores. Entre eles, Nescafé e Air France. Era muito caprichado e não era como hoje. Era no peito e na raça. Ao vivo. Havia cinco cenários diferentes, as roupas combinando com as músicas. Enquanto eu cantava a primeira, os desenhistas faziam o segun-

do cenário; enquanto eu cantava outra, eles desenhavam o terceiro. Não tinha mo-leza, eu trocava roupa de um cenário para o outro. A esposa do Moreira, a Marília, que também teve um programa infantil na Record, me ajudava. Foi na época que saiu esse carrapicho de grudar na roupa. Punha tudo nas costas e eu entrava no estúdio com cinco roupas, uma em cima da outra, então eu ia descascando. A Marília vinha por trás, tirava, jogava no chão, trocava o sapato, sempre tinha um chapéu para determinar o lugar. Aí pegava o chapéu e ia para o segundo. Foi muito gostoso aquele tempo, esse programa exclusivo durou quase sete anos. Cada cantora tinha seu programa: Maysa, Ângela Maria, um timão de artistas. A Isaura Garcia não gostava de televisão, mas acabou cedendo. Esse tempo da Record era maravilhoso. Mas era programa de estúdio, não tinha recurso nenhum. Nessa época apareceu o Newton Travesso, que era um garotão, aí o Moreira falou: “Vou ensinar tudo para esse menino”. O Moreira ganhou uma bolsa de estudos para passar um ano em Cuba, que era o país mais avançado em televisão. Ele ficou um ano lá, aprendeu todos os truques e falava por rádio amador, sempre orientando o Newton. Quando voltou, estava tudo nos seus lugares, funcionando maravilhosamente. Aí começou o programa de auditório com Cesar de Alencar, no Rio de Janeiro.

Isso fez com que vocês perdessem espaço na televisão.

Foi. Até um dia que eu me danei e falei: “Não vou mais fazer televisão”. Porque no auditório entrava uma pianista erudita e tocava, em seguida entrava um pandeirista e, assim, ia. Não tinha estilo, não tinha nada, era uma feira para agradar o povão. E agradou muito, ficou anos nesse sistema. E permanece mais ou menos até hoje. As fãs gritando, aquelas brigas de fãs ridículas, avançando no carro na saída. Aquilo durou, o carioca gostava muito. A gente aqui em São Paulo era mais manso.

Sempre ouvi falar que o Eduardo Moreira foi um grande produtor musical. Eu queria que você falasse do papel dele como produtor na sua carreira de cantora.

O Eduardo e a Marília Moreira eram amigos nossos, eles viviam lá em casa, ou a gente na casa deles, conversando sobre música, cinema, teatro. A gente ia muito ao teatro por causa do meu cunhado, principalmente no TBC – algumas peças eu decorei inteirinhas. Toda noite a gente estava lá. Peças lindas, maravilhosas, artistas ótimos. Depois veio Sergio Cardoso, Nídia Lícia, foi uma época bonita do teatro e como a gente era muito amigo, a gente fazia as mesmas coisas. Aqui em São Paulo, havia um clubinho dos engenheiros na Rua General Jardim, em um porão. Por ali passaram os maiores artistas do mundo. Quando acabava um espetáculo, levavam os artistas ao clubinho. Tinha um bar muito bom, mesi-

nhas e um pianista que era irmão do Gilberto de Carvalho, o Polera. Frequentei ali muito tempo. Recebemos Amália Rodrigues, Rita Pavone, muitas italianas. Era um bar pequenininho, mas um amor de lugar, ninguém deixava de ir lá.

Mas ele pesquisava repertório contigo? Como era o trabalho do Eduardo Moreira como seu produtor?

O trabalho era muito bom, eu nunca o deixei ao léu porque mesmo na Rádio Record era muito cuidadoso nos arranjos, pesquisava tudo, fazia arranjo por telefone. Eu tive sorte. O Moreira primeiro me levou para a RCA Victor para gravar profissionalmente. Foi ele que conseguiu isso. O Moreira conhecia muita coisa, só o mundo caipira ele não conhecia muito. Ele gostava muito de música, a casa dele era fantástica, vivia cheia de artistas e ele sempre procurando renovar. Sempre foi um grande produtor. O Moreira inventou um negócio que todo mundo quebrou a cara para saber como que era. Eu cantava uma poesia da Cecília Meirelles, que era *Berceuse da Onda que Leva o Pequeno Náufrago*. Era uma história da onda do mar que afoga uma criança. O Moreira pediu para eu trazer meu aquário, porque ele tinha bolado um negócio. Lá vai o aquário para a televisão. Fui cantar a história da onda, atrás do aquário, com uma luz indireta e um ventilador. Aquilo causava um efeito, parecia que eu estava junto com os peixinhos mergulhados na água. O Moreira tinha ideias lindas. E as loucuras que a gente fazia: levamos até macaco e coruja no programa...

Como foi sair da TV Record e abraçar a música caipira, um gênero que sofria muito preconceito?

Muito preconceito tem ainda. Comecei a filosofar muito sobre estas coisas, do porquê de não se gostar de caipira, do interior. É a nossa raiz, a nossa vida, a nossa terra. Brasileiro tem muito disso, de ficar na janela olhando a terra dos outros, enquanto está pegando fogo lá atrás, na terra dele. “Caipira é vagabundo”, “caipira é sem dente”, “caipira é doente”, e eu posso provar que não. Eu tinha feito uma viagem de jipe até o Nordeste. Fui dirigindo para recolher temas e fiquei dois meses viajando, com este meu cunhado e um amigo nosso do Rio. Os dois não dirigiam. Eu falei: “Vou chegar até o Rio Grande do Norte, se possível, pelo litoral”. Não tinha rio, não tinha estrada nenhuma, a gente chegava na praia e ia pela areia. Se tinha um rochedo muito alto que entrava pelo mar, entrávamos 100 quilômetros lá para dentro e dávamos uma volta para sair na frente, para passar o rochedo. Fui recolhendo material folclórico de primeira qualidade. Quando cheguei na Paraíba, recebi uma mensagem por rádio amador, de que eu tinha ganhado o Prêmio Roquette Pinto, e que tinha que estar em São Paulo para rece-

ber no dia seguinte; e eu estava na Paraíba. Catei o jipe e fui parar em Jequié, na Bahia, onde dormimos em uma pensão de caminhoneiros. Às 6h da manhã, vim embora. Ainda peguei o ensaio do Roquette no Teatro Cultura Artística, e fui para casa. Eu estava mais preta do que carvão, porque jipe não tem capota. A viagem me deu todo aquele material de pesquisa, coisas lindas; folheava aquilo e pensava em fazer um livro, um programa. Mas aí um dia me enfezei muito, acendi a churrasqueira e joguei todas as notas que tinha, coloquei fogo em tudo. Falei: “O que eu sei está aqui dentro da cabeça”. Ninguém quer, vou ficar guardando?

Jogou sua pesquisa toda fora? Isso foi por conta da sua saída na Record?

Sim. Fiquei brava porque eles podiam ter me dado a mão, experimentado algo novo pelo menos.

Como foi sua carreira nesse período que você saiu da Record?

Vieram outras coisas, bossa nova, jovem guarda. Inventaram aqueles ritmos todos, aí me aparece como estrela de ouro o Roberto Carlos. Ouvia as músicas dele e dizia: “Poxa vida, ele tem um repertório bom para criança”. Isso antes de ele virar romântico, eram umas músicas levinhas com o Erasmo Carlos. No meu prédio estava cheio de crianças e as crianças cantavam aquilo (*risos*). A mãe falava: “A senhora dá aula de violão? Dá para o meu filhinho, que ele adora Roberto Carlos, quer cantar”. Chegou uma hora que eu tinha 62 alunos, tudo de 15 anos para baixo. Virei professora de violão e Roberto Carlos me ajudou nessa vida, senão eu tinha afundado. Dava aula das 8h da manhã, em um banquinho sem encosto, até meia-noite, se precisasse. Devo muito a ele! Não estou brincando, não.

Você gravou dezenas de discos de música caipira. E depois disso, entrou na TV Cultura e comemorou agora 30 anos de *Viola, Minha Viola*.

Vocês ainda vão ver esta viola no alto do Cruzeiro do Sul, estou prometendo. Não me provoquem que eu sou ruim (*risos*). Você viu a festa dos 30 anos? E ainda faltou muito violeiro. É muito bonito ver a quantidade de novas orquestras de viola e as crianças tocando o instrumento. Minha bisneta está alucinada por viola e violão, está estudando como louca. Quando é que eu ia ver isso na minha vida? Quero durar para ver mais. Fiquei feliz e agora não saio dessa estrada, vou até o fim.

Para assistir essa entrevista em vídeo:

<http://www.producaocultural.org.br/2010/08/30/inezita-barroso-2/>